

## A Hora do descanso

—O sr. Aninhas, ponha aqui os seus olhos, neste *Século*. Que lhe parece isto?

—Isto quê? Este retrato dum cão e de dois figurões? Quando Deus quer, foi algum cão que salvou estes homens de morrerem afogados.

—Isso sim! Primeiro, isso não é um cão...

—Não é um cão! Essa agora! Gato é que ele não é.

—Quero dizer, não é ainda um cão: é um cachorro que inda mama.

—Então que diabo fez ele p'ra lhe prantarem aqui o retrato?

—Eu lhe digo, sr. Aninhas: foi oferecido ao *Século* por este gajo aqui retratado, p'ra ser vendido em proveito dos feridos da guerra. Este outro gajo é que o comprou por... Quanto calcula vossemecê que este figurão deu pelo cachorro?

—Eu sei lá! Se calhar, tanto como a gente ganha numa semana; af as suas cinco ou seis coroas.

—Ahl ahl ahl essa é de primeiríssima ordem! Vossemecê sabe o que está a dizer? Diga antes tanto como muitos de nós ganham em meio ano aqui na fábrica, que não se engana...

—Não me digal

—E' o que cá está: 50 escudos, 50 mil réis, olé!

—Decerto o gajo não tem em que gastar o dinheiro. Algum ricoço...

—Está visto. «Importante proprietário e industrial», diz cá a gazeta.

—Ai éle é industrial! Será assim com os seus operários?...

—Hum! tenho cá as minhas dúvidas. Palpita-me que, para poder tratar os cães como gente, há-de tratar a gente como cães...

—E nós que o digamos, Mariquinhas, nós que sabemos como são todós os patrões.

—Como não podem deixar de ser...

—Mas afinal, Mariquinhas, que raio tem esse animal para merecer tanto dinheiro e tanto espalhafato? Será de prata?

—E' um cão de raça, raça aperfeiçoada à força de carinhos, cuidados e estudos...

—Tudo isso falta aos nossos catriços, abandonados em casa e na rua p'ra virmos p'rá fábrica... Se assim fizessem aos cachorros da gente...

—Imagine vossemecê que, por causa do bicho, andaram os automóveis numa roda viva, houve leilão disputado, lágrimas nos olhos, de Coimbra até mandarem um telegrama com um laço.

—Olhem que isto! Sempre se vê cada uma!

—Mas o melhor é isto. Ora ouça lá:

«O formoso cachorrinho oferecido por Cruz Magalhães não passou a noite de ante-ontem para ontem no *Salão de Sport*, da Rua do Ouro. Mais do que os visitantes, que o viam triste e sucumbido dentro da vitrine, o generoso oferente receara pela saúde do animal. Foi buscá-lo de automóvel para ele passar a noite junto da mãe, que durante o dia não fizera mais do que farejar inquieta, todos os pontos por onde passara o pequentino. Imagine-se a alegria das duas criaturinhas ao tornarem a encontrar-se. Pareciam doidas; pulavam, lambiam-se, ladravam de alvoroço, até que, por fim, acomodaram-se, adormecendo o já agora célebre bisneto do *Hermínio*, agarrado ao úbere enfartado da mãe.»

—Não sei como não disseram: «de sua excelentíssima mãe». Credo! Isso até parece chuchadeiral!

—Qual chuchadeiral Aquilo, aquela ternura toda vem-lhes do coração. Mas ouça mais:

«Voltou de manhã para o elegante estabelecimento do sr. dr. Loureiro Santos que nem parecia o mesmo da véspera. Esperto, brincalhão, rosnando mesmo a quem lhe fazia juderias, o *Radir* constituiu durante o dia o encanto, o grande encanto, das centenas de visitantes, que o admiraram, principalmente das senhoras, algumas das quais lhe pegaram ao colo e o beijaram com ternura, porque o animalzinho teve a maior parte do dia o *Salão* por homenagem, conservando-se pouco tempo na montra.»

—O Mariquinhas, isso está af, na verdade? A Mariquinhas está a mangar comigo!

—A mangar? Ora essal Se quer, leve o jornal para casa.

—Eu estou banzadal! Pouca vergonha! Isso até é fazer pouco da gente...

—Pois não é? Imagine aquelas lambisgoias, aquelas cagnonas até a darem beijocas no focinho—e se calhar, no traseiro—do cachorro! Ora diga-me cá, sr. Aninhas: p'ra falar mal e porcamente, com sua licença, gisto não lhe dá vontade de...?

—Pois dá, dá, e p'ra depois limpar o rabo a essa porcaria.

—E lá está o raio da sineta a chamar a gente ao nosso calvário. Maldita sorte!

—Isso digo eu também. Ah! não ser a gente cão de raça!

DIABO RUBRO

## Notas de perto

XII

Meu Caro C.

Recordas o que se tem dito das barbaridades alemãs, principalmente na aliada e mercenária imprensa burguesa? O quanto eles condenaram o emprego de gases asfixiantes pelos hunos e como eles se tem querido aproveitar das barbaridades que outros cometem para ver se convencem outros povos a intervir na contenda? A campanha que para isso eles tem feito nos Estados Unidos?

A este respeito, abrimos o *American Machinist*, de 6 de maio pp., e encontramos um réclamo feito pela «Cleveland Automatic Machine Co.», que nos diz o que segue:

«O material é de alta tensão e muito especial, tendo tendencias para se fraccionar em pequenos bocados quando se dá a explosão da bala. O fusível da bala é igual ao da granada, mas difere em que dois ácidos explosivos são empregados em uma larga cavidade da bala. A combinação destes dois ácidos causa uma explosão terrível, tendo maior potencia do que qualquer outra usada até aqui. Os fragmentos revestem-se de óxidos ácidos quando se dá a explosão, e as feridas causadas por eles produzem a morte em terrível agonia dentro de quatro horas se o ferido não for socorrido immediatamente...»

«Pelo que podemos saber das condições nas trincheiras, não é possível obter all assistência médica a tempo de evitar um resultado fatal...»

«Parece não haver antidoto que combata o veneno...»

Esta bala é mais eficaz do que a granada vulgar, visto que as feridas causadas nos músculos pelos fragmentos da granada não são tão perigosas, porque não tem elemen-

tos venenosos que requeiram imediato tratamento.

Vês como e com que hediondes e sangue frio se armam os povos para as carnificinas, só com o fim de viver dos rendosos lucros que esta indústria deixa aos que se arvoraram em dirigentes da sociedade?

Amostras já te tenho fornecido algumas; mas toma lá mais uma publicada no *Statist*, de 15 de Maio. Diz assim:

«Que os nossos banqueiros obtiveram o ano passado lucros aproximados de 16.000.000 libras; collocaram uma boa porção em reservas privadas; e é provavel que ganhem grossos proventos durante a Guerra e destinem maiores somas, como de costume, para a reserva é motivo para congratulações porque os habilistas a manter a sua desigualavel força e a merecer dos fregueses a sua completa confiança» (e a dos seus acionistas).

«Os lucros de 15.741.000 libras, do capital empregado, pelos acionistas o ano passado, é igual a 22, 29 por cento do capital empregado... sendo evidente que os lucros positivos foram tão grandes em 1914 como em 1913.»

Ainda mais: «Merece a pena ler o relatório do presidente do Nobel Dynamite Trust de 5 de Junho ultimo. Lastima poder apenas pagar 10 por cento por que possuíam accções nas Companhias alemãs de explosivos e dinamite, que não poderam contribuir este ano com as suas receitas.»

Meu caro, grita comigo: Vivam os aliados que defendem a civilização; toca a armar tambem e a marchar para a batalha! Toca a morrer para engordar cada vez mais os nossos protectores que tanto se esfalfam por nos defender e nos arranjarrem trabalhinho!

E agora, amigo, continuemos com as transcrições das tabelas da World Peace Foundation. E' continuação da análise aos orçamentos militares.

## TABELA VI

Custo dos Exércitos por Unidade de combate—Nove Nações

(1) Países	Numero de combatentes	Custo do Exército	Custo por homem
Austria-Hungria . . . . .	415.000	115 381.000\$	278\$
França . . . . .	610.000	177 656.000\$	291\$
Alemanha . . . . .	656.000	201 003.000\$	306\$
Inglaterra . . . . .	262.000 (2)	98 963.000\$	373\$
Itália . . . . .	305.000	83 284.000\$	273\$
Japão . . . . .	225.000 (3)	47 066.000\$ (3)	209\$
Rússia . . . . .	1.250.000 (3)	289.911.000\$	232\$
Espanha . . . . .	129.000	36 353.000\$	283\$
Estados- Unidos . . . . .	82.000	107.787.000\$	1.314\$
Totais . . . . .	3 934.000	1.157.404.000\$	294\$

(1) Foi omitida a Turquia por não haver relatórios satisfatórios que mostrem a força militar que podem reunir.

(2) Omitindo despesas com os não efectivos (reformados, etc.) 18.803.000\$, e despesas com os territoriais e reservas especiais, 17.084.000\$, ou seja ainda mais 35.887.000\$

(3) Aproximado.

Depois da guerra, viu-se como estes números foram ultrapassados e quanto a loucura patrioteira e a ignorância popular foram capazes de aniquilar tantas boas esperanças e doces sonhos de paz. Quando presenciamos todos estes crimes, de que a esfrangalhada civilização e a decantada liberdade dos povos tem servido para desculpar e nós não fomos capazes de evitar, só anejo porque o número dos que verdadeiramente desejam a paz espalhem o verdadeiro e único meio de evitar a guerra. *Si vis pacem, prepara-te para a paz e não defendas a guerra.*

Lisboa, 29-6-1915.

Teu  
H. QUESARIO.

## Para o quartel

O nosso povo! Ah! o nosso povo, como ele é ignorante!

Como a consciência popular está ainda obsecada por mentirosos ideais e desconhece os novos horizontes que o Futuro lhe oferece, rasgados pela mão hercúlea dos apóstolos da nova Ideia!

Ainda há pouco tempo, com máguia observei o regosijo com que muitos camponeses, cheios de vida—a fronte bronzeada pelo sol ardente dos campos,—partiam para a inspecção militar cantando ao som de instrumentos que empunhavam!...

E caminhavam assim, em festa, para o quartel, como quem caminha para a Vida supondo que a miséria social é apenas uma palavra inventada por corações sensíveis...

E não obstante, a chacina horrível que se desenrola nos campos que dantes eram o Trabalho, a Vida, não é um exemplo. A cegueira persiste, o povo ainda obedece, a Lei cumpre-se com regosijo!... Ah! o povo!

Almas generosas, mas espiritos acorrentados á Lei, cerebros que os raios brilhantes do sol da Verdade não ousaram ainda iluminar e aquecer: os camponeses de 1789 calcaram aos pés o código da Escravatura. Encarnemos, pois, como eles, o Verbo sublime da Insubmissão,—princípio da Revolução e início da Liberdade!

JÚLIO CRUZ

## Coisas históricas

25-1904—Numa fábrica de electricidade de Jamaica, da-se uma grande explosão morrendo 44 operários.

20-1870—Efectua-se em Barcelona a primeira sessão dum importante congresso operário.

30-1914—Em Madrid há grandes manifestações revolucionárias contra o açambarcamento dos géneros alimentícios. Volvidos alguns dias de luta, o povo obtem os géneros com abundância e mais baratos... Efectos da acção directa.

JULHO

1-1910—Sal, em Coimbra, o primeiro numero dum quinquenário anarquista com o titulo, *A Conquista do Bem*.

2-1849—A república francesa dá cabo da república de Roma e restabelece, ali, a autocracia do papa!...

3-1775—E' assassinado Jean Jacques Rousseau.

4-1824—Parry, um dos mais ousados exploradores Ingleses, parte da Groenlândia em busca da passagem do noroeste.

deão, autóctone, de que os nossos oradores querendo fazer de nós um povo latino.

Em suma, a língua é mais importante do que a raça; e os interesses, digam o que disserem os profetas de «idealismo mediterrâneo», representam no destino dos povos um papel mais vasto do que as ideias.

A. D.

(De *La Bataille Syndicaliste*)

## Lições da guerra

Sob o título de *Prodígios da química*, lemos no *Diário de Notícias*:

«*Moniteur Industriel*», de Paris, publica um curioso artigo por meio do qual os meios de que se valem os químicos alemães para conseguir a substituição das Materias primas que a Alemanha não pode agora importar e que são absolutamente indispensáveis.

Transcrevemos os períodos essenciais deste artigo que interessará igualmente a homens de sciencia e a profanos.

Diz o «*Moniteur Industriel*»:  
«Para fabricar granadas, cartuchos de espingarda e espoletas sem cobre nem latão, os alemães empregam ferro doce com uma pequena liga de cobre e zinco tratada por um processo especial. O consumo do cobre está assim consideravelmente reduzido.

«A gazolina, cujo fornecimento foi suprimido pela Inglaterra, pode ser substituído pelo benzol na maioria dos casos. Quando a gazolina seja indispensavel, produzem-na por uma manipulação muito complicada de oleos minerais. Agora acaba de ser instalada uma grande fabrica para obtê-la por meios simplificados.

«A Inglaterra suprime igualmente a exportação do salitre, indispensavel para a fabrica de granadas. Os alemães lustalaram fabricas para converter o azoto do ar em amoníaco e obter o acido nítrico. Essas fabricas estão actualmente em condições de produzir 80.000 toneladas de acido nítrico e pensa-se chegar a produzir o nitrato extrahido em tempo normal do salitre do Chile.

«Depois da guerra, os novos estabelecimentos continuarão funcionando e a importação da produção chilena ficará reduzida a insignificantes quantidades.

«Os Estados Unidos já não enviam petróleo ao Imperio germanico. Substitue-se pelo acetilene queimado em lampadas de segurança construídas para este uso. O acetilene é mais economico que o petróleo e, mais tarde, as fabricas deste gaz adquirirão grandes proporções em todo o país, porque a experiencia actual aconselha limitar o risco para o futuro de que venha a faltar o petróleo por qualquer motivo.

«A redução das importações de algodão despertou a actividade inventiva dos químicos alemães. A celulosa ordinaria emprega-se no fabrico do algodão-polvora; mas isto só se está realizando ensaios.

«Para substituir o acido sulfúrico cujos preços aumentaram enormemente, ou para prescindir dele de certo modo, utiliza-se um processo de extracção do sulfato de carbonato de amoníaco, pondo em contacto o carbonato com gesso, o que produz sulfato de amoníaco e carbonato de cal. Pelo mesmo processo se transformam enormes depósitos de sulfato de magnésio em carbonato de amoníaco.»

Muitas e variadas são as lições a tirar da grande guerra actual e a aproveitar para a nossa propaganda.

Uma delas é a ferocidade sanguinolenta da burguesia, que no entanto fingia hypocritamente de testar as magras violências da revolução. E' também o facto de se ter o povo submetido a um horrível sacrificio pela «pátria» e seus detentores—não havendo, pois, razão para se esquivar a um sacrificio muito menor pela sua própria causa.

Não menos importantes são as lições recebidas sob o ponto de vista da produção. Vimos, na ausência da parte masculina mais jovem e mais robusta da população, organizar-se o trabalho, desenvolver-se o auxilio mutuo, fazer-se comunismo parcial, sobretudo nos campos, satisfazerem-se as necessidades, resolverem-se as dificuldades.

Vimos, sob o impulso imperioso das circunstâncias, a sciencia e a técnica operarem verdadeiras maravilhas, que a transcrição acima feita nos demonstra e que poderíamos documentar com centenas de depoimentos identicos, relativos a todos os países em guerra, mas que ficam bem evidenciados, tratando-se da Alemanha cercada de inimigos, que tentam reduzi-la pela fome. Devemos considerar, é certo, o grande desenvolvimento industrial daquele país; mas em todos há uma forte capacidade produtiva latente, em todos a solidariedade, a iniciativa, a técnica e a sciencia tem feito e poderiam fazer muitos mais prodígios.

E venham agora cá falar nos das dificuldades dum período revolucionário, das insuficiências da produção e dos processos técnicos, dos perigos e embaraços duma organização social!

O que se tem feito agora, pode-se fazer, e melhor, e com mais entusiasmo, e com mais proveito para todos, quando o povo tratar enfim da... sua guerra.